

POESIA DESCALÇA

Porque uma estrela difere em glória de outra estrela. I CORÍNTIOS (15,41)

Nº 109- Ano 10 - Recife, junho/julho de 2009 – Distribuição gratuita

EFÊMEROS

Os instantes
Que marcarão a saudade
Nos visitarão como as estações.

As cores ficarão guardadas
Num retrato antigo, torto, na parede...
Amareladas.

As caras, os móveis, os livros,
As amizades, os olhares, o tédio
Comporão a frágil memória.

Somos uma aventura no tempo:
À procura de nós mesmos todos os dias.

Somos os sorrisos numa bebedeira
E a tristeza no dia da tempestade.

Somos, todas as horas, o risco,
Sem o qual ficaríamos
Encharcados de nós.

JOCA DE OLIVEIRA

(ianomangue@elogica.com.br)

Ela atirou na minha cabeça.
Assim, na surdina como um gurentai
Ela atirou na minha cabeça
E em meio a verduras e iogurtes
Guardou o revólver na sacola de compras
Ela atirou na minha cabeça
E o cheiro de pólvora que invadira suas
Narinas a fez cantarolar greens leaves
Ela atirou na minha cabeça
E num copinho plástico de 250ml juntou
Pedaços do meu cérebro e ria um riso
Escroto de dentes trincados
É, ela atirou na minha cabeça
E gotas de sangue, que pena, mancharam
Sua camiseta dos smurfes
Ela atirou na minha cabeça
Onde da janela se via os pirralhos
Jogando bola e Dona Ana a gritar
Pelo neto
Ela atirou na minha cabeça
E o telejornal anunciava *ventos*
Fortes no decorrer do dia.
Ela atirou na minha cabeça
Me beijou na boca e disse suavemente
- Hoje os pratos são seus!
Ela atirou na minha cabeça
Quando amanhã seria 17 e estaria
Nas bancas minha **HQ** favorita
Ela atirou na minha cabeça
É, ela realmente atirou mesmo na
Minha cabeça, e mesmo assim, eu não
Lavaria a porra dos pratos, não mesmo,
Nunca mais. Foi o que eu disse!

CHAC

OS BICHOS

São sempre infantis, as aves,
Não se pode pensar sua velhice.
Talvez por suas asas, seu canto de amanhecer
A qualquer hora.

Nunca associei às do bando
A que jantávamos. O bando
Sempre parecia completo na alegria.
Não era a mesma coisa
Se morria um boi:
O pasto inteiro entristecia.
Eu inventava pensamentos tristes
Para a vaca se o seu bezerro morria
E punha neste amor algum mistério
Que abria portas ao desconhecido.

Creio que a dor dos animais
Foi minha primeira escola
Sobre a grandeza e a doação da vida.
Aceitei que morressem por mim,
Sua vida pela minha,
Mas nunca vê-los feridos.

Lembro-me do cachorro Otelo,
Guardião de ovelhas, que deu para sangrá-las.
Foi amarrado perto da marrã morta
E começou o castigo.
Minha irmã e eu nos jogamos
Entre ele e o chicote.
Isso foi como ser confirmada em heroísmo.
Éramos assim.

CELINA DE HOLANDA.

ENGELS

Nas árvores, com medo das outras feras
Nos grupos, na sexual promiscuidade
Descobriu-se o homem, em priscas eras
E a sua inclinação para a civilidade

Do tímido riso, de clava e lança
Às gargalhadas, de arco e flecha
Enfrentou a noite com a clara dança
Do fogo produzido com atrito e mecha

Quando fundiu ferro não mais era selvagem
O respeitável bárbaro, tendo carne e leite
Povoou a terra, dela fez pastagem
E encontrou na guerra prático deleite

Apoderou-se o homem da direção da casa
Degradou a mulher ao conjunto de escravos
A incluiu na riqueza que a si mesmo arrasa
E, ao invés de amor, deu-lhe cruces, cravos

EUNÁPIO MÁRIO
MARGINAL RECIFE 4
Coletânea Poética

RECITAL

A força dos versos era estupefaciente!
Havia luzes e o escuro por entre.
Um tão espesso
que não se distinguia nem mesmo as baratas.

E os versos esbravejando no palco!

Como a luz revela a forma ao pintor
dava para ver pacientes mulheres brasileiras
ávidas por compreender o que diziam
e observar o que eles estavam olhando.

Depois tudo se acendeu
e as palmas trovejaram.

Wilson Vieira
Recife, 22 junho de 2009.

WILSON VIEIRA

.....
Kafka criou um mundo paralelo, supra-real, que
um homem como ele, incapaz de enfrentar a
luta pela vida e a própria existência nos termos
e normas de uma sociedade que devorava a
própria cauda, organizou a seu modo, punindo
os tímidos e medíocres com não menos vigor
do que fustiga os vitoriosos que não lhe
causavam qualquer sensação de respeito ou de
inveja, colocando-os em situações ora
grotescas, ora patéticas.

ÊNIO SILVEIRA

A personagem Ivone, na novela Caminho das
Índias, olha para a cidade de **Dubai** e diz: -
Parece que a gente está vendo o futuro!...
O futuro dos ricos né, Ivone?... O futuro dos
ricos.

(ORADORES)

Este ponto verde aqui,
Feito de folhas e flores,
É o Jardim Treze de Maio,
Onde os nossos oradores
Vão um ao outro contar
Como foi que conseguiram
A vida inteira passar
Nas trevas da ignorância
Sem nunca desconfiar.
Pois, cada qual sente um gênio
Dentro de si borbulhar
E, coitadinhos, nem sabem
Que o que borbulha é a ameba
Que não puderam tratar.

CARLOS PENA FILHO

A ESTRELA

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alto luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

**MANUEL BANDEIRA/
ESTRELA DA VIDA INTEIRA**

FELICIDADE

Felicidade?
Perguntem ao forasteiro
Que me invadiu a casa.
Felicidade?
Quem sabe amanhã,
Quando em festa de novo
Recebê-lo no leito?

TÉDIO

Domingo.
É o tempo rondando-me a casa.

ORISMAR RODRIGUES

LENDA

Duarte Coelho Pereira
Doou terras ao povo
Ao povo de Portugal
E a terra que era dos índios
Virou um canavial

Um canavial imenso
Sobrevoado por todas as asas
O índio ficou encolhido
Escravo na própria casa

O índio dono original
Fez-se desentendido
Pegou das armas lutou
Pelo direito atingido

Quebrados arcos e flechas
Expulsos do litoral
Correram para o sertão
E depois de muitos anos
Ressurgiram em Lampião.

BALAU O PROFETA

Pensar em demasia

Desvia o homem
De seu eixo de apoio
Planta em seu cérebro
Sementes não humanas
*Quem sou, para onde vou
Por que envelheço e morro
E o que sobrará de mim
Após a caminhada*

Pensar além da conta
Atrofia o homo ser
Que se afasta da origem:
*Era tão bom viver na selva
Pescar e caçar
Criar somente estratégia de defesa
Contra as feras que espreitava*

*Juntar-se à cunhã
Gerar curumins
Viver a pureza da nudez
Sem tabu e sem pecado
Copular à vista dos piás
Como fazem passarinhos
E monos na floresta*

*Crescer como forças naturais:
Gramínea, jurema, baraúna
Sucupira ou cedro
Nutrir-se da força do húmus
Ser endêmico da floresta
Caatinga ou descampado*

Pensar, continuamente
Verrumando a mente
Ateia fogo ao cérebro
Dá origem à lucidez
E o *homo faber* por natureza
Homo sapiens se faz
Perdendo candura, simpleza
Astúcia da selva
Imerso em sondagens
De vida e de morte

**MANOEL CARDOSO
EM ÍNVIAS VEREDAS**

VIDA IDA

Leve neve cai
Vida ida vai.

Rosa prova vem.
Lira ira sem.

Calo falo sim.
Quero mero fim.

Ova prova cal.
Calo falo mal.

Sino hino são.
Era mera mão.

Mima rima seu.
Ano nono meu.

**EDILSON ALVES
(Itapissuma – PE)**

RIO SÃO FRANCISCO Nº. 3

Que o rio só guarde pra mim o que ninguém pescou
Pra que a gente seja assim: amor de leito e cais
Silente tal qual deus,
Que a água me beije em paz
Lambendo-me a dor dos breus,
Meus ais

Que o rio só guarde pra si o que em mim não secou
Pois viveu o que não vivi e não viverei
Mais vida que o deus mais vivo,
Jamais fique, em si, alheio
Que eterno o seu passo altivo
E eu, veio.

ROQUE BRAZ

HARD LIFE

Uma tranqueira esta vida
Cheia de atropelos
E nós pelas costas
Um horror de coisas

A mão cheia de desejo
O coração vazio
E os olhos rasos de deserto

Traçar perspectivas
Estender linhas
Na palma do destino
Apelar pro infinito
Andar comer conversar
Ver gente gente gente
Fumar beber se drogar

Uma tranqueira esta vida

SAMUCA SANTOS

“Há dois tipos de artistas: um que eleva
mais a arte do que a ele; e outro que
privilegia mais a ele do que a arte!”
(Ouvimos por aí).

Tantas florestas

Tantas florestas arrancadas da terra
E massacradas
Arrasadas
Rotativadas

Tantas florestas sacrificadas para virar pasta de papel
milhares de jornais chamando anualmente a atenção
dos leitores para os perigos do desmatamento dos
bosques e das florestas

JACQUES PRÉVERT

Na verde grama
A formiga leva
Pedacos de primavera.

(DOSE DUPLA)

O rio corre
As árvores curvam-se
O outono passa.

VALMIR JORDÃO